

Jornalismo Esportivo, Ensino, Planos Pedagógicos e As Novas Diretrizes Curriculares Nacionais: Interações e Alternativas¹

Matheus Simões MELLO²

Thalita NEVES³

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

RESUMO

Este artigo visa se debruçar sobre o ensino do jornalismo esportivo em universidades brasileiras, atentando para as possíveis – ou já consolidadas – interações com as novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), publicadas em 2013. Para tanto, tem-se como objeto empírico dez Planos Pedagógicos de Curso (PPCs) de dez instituições públicas e privadas das cinco regiões do país; além de quatro planos de ensino de disciplinas exclusivamente dedicadas ao referido segmento jornalístico. Propõe-se uma análise qualitativa do referido corpus. Entre outros resultados, verifica-se a baixa variedade bibliográfica na elaboração das bibliografias básicas previstas, bem como a incongruência entre as referências adotadas e a ementa proposta.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo esportivo; pedagogia do jornalismo; diretrizes curriculares.

Ao longo das décadas, a cobertura jornalística especializada em esportes acumulou sucessos e insucessos. Por um lado, estabeleceu-se como editoria permanente e de destaque nos principais veículos brasileiros, que investem na cobertura de grandes eventos esportivos; por outro, foi relacionada a uma visão estigmatizada que, embora em menor escala, ainda insiste em perdurar. A (ainda presente) compreensão do jornalismo esportivo como uma área com menos prestígio perante as demais nos motiva a analisar o ensino deste em universidades brasileiras, atentando para as já instauradas e possíveis interações com as novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para os cursos de Jornalismo (BRASIL, 2013).

Para tanto, propomos uma análise qualitativa dos Projetos Pedagógicos de Curso (PPCs) de bacharelados em Jornalismo de dez instituições brasileiras. Compõem o

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

² Doutorando e Mestre (2015) em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina, email: senso_de_humor@hotmail.com.

³ Mestranda em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina, email: thalitanevesufop@gmail.com

corpus desta pesquisa universidades públicas e privadas das cinco regiões do país, a saber: Universidade Federal do Amapá (Unifap) e Universidade Federal do Tocantins (UFT) na região Norte, Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e Universidade Federal do Cariri (UFCA) na região Nordeste; Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e Universidade Federal de Goiás (UFG) no Centro-Oeste; Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ) e Universidade Presbiteriana Mackenzie (Mackenzie) no Sudeste, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Instituto Superior e Centro Educacional Luterano Bom Jesus/Ielusc (Ielusc) na região Sul. No caso das quatro últimas mencionadas, debruçamo-nos também sobre os planos de ensino das disciplinas exclusivamente dedicadas ao jornalismo esportivo, fornecidos pelos docentes responsáveis ou obtidos no sítio oficial das instituições. Em que pese à maior pujança esportiva de cidades/estados não presentes no objeto empírico desta investigação, optamos por também dar luz aos locais que nutrem relações distintas com os esportes de alto rendimento, ou que gozam de inexpressivos repasses a projetos destinados ao desporto.

Num primeiro momento, enfatizamos alguns pontos de destaque na trajetória da pesquisa acadêmica do esporte, tanto no Jornalismo como na Comunicação e, mais amplamente, nas Ciências Sociais. Em seguida, atentamo-nos ao conteúdo jornalístico esportivo nas universidades inerentes ao corpus.

Nas novas DCNs, destacam-se como estrutura básica de todo curso de graduação em jornalismo os seguintes aspectos: uso de metodologias que incentivem a participação ativa do aluno na construção do conhecimento; integração entre teoria e prática; promoção da interdisciplinaridade curricular; e instituição de práticas laboratoriais que insiram os alunos nos diferentes contextos e situações reais de sua futura prática profissional. Com isso, e considerando os aspectos históricos e teóricos elencados a seguir, algumas questões foram priorizadas para esta análise. São elas: o caráter generalista dos cursos de Jornalismo; a escassez de bibliografia abrangente no âmbito do jornalismo esportivo; o tratamento do esporte enquanto fenômeno social; a relação dicotômica entre teoria e prática e a diversificação da produção laboratorial.

Trajatória Do Ensino e Pesquisa Do Jornalismo Esportivo No Brasil

Para que construamos uma reflexão acerca do ensino do jornalismo esportivo em universidades brasileiras, é preciso rememorar os primeiros percalços da relação acadêmica entre esporte e – mais amplamente – Ciências Sociais no Brasil. Nesse sentido, Helal (2011) reúne alguns dos pontos-chave em tal percurso. Talvez por influência de 21 anos de Ditadura Militar em terras brasileiras (1964-1985) e a interferência bastante significativa de Brasília no futebol durante esse período, os (escassos) primeiros estudos que buscavam enxergar os fenômenos esportivos sob a ótica das Ciências Sociais tinham viés marxista, atribuindo à modalidade esportiva mais difundida em nosso país a função de ‘aparelho ideológico do Estado’ ou ‘ópio do povo’.

Ainda que a perspectiva “apocalíptica”⁴ do esporte siga permeando investigações, sobretudo pelas contribuições do sociólogo italiano Umberto Eco (MARQUES, 2013, p. 170), os “estudos sociais do esporte”⁵ ganharam outra conotação a partir do início dos anos 1980:

[...] as conquistas do futebol brasileiro ocorridas após a redemocratização do país e os novos estudos sobre o esporte realizados por pesquisadores brasileiros a partir da década de 1980 foram responsáveis por redimensionar parte da visão que se tem do fenômeno esportivo na academia brasileira (MARQUES, 2013, p. 172).

Nesse contexto, destaca-se a célebre obra *O Universo do Futebol* (Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982), organizada pelo antropólogo Roberto DaMatta. Helal (2011, pp. 18-19) considera tal publicação de suma relevância pelo fato de DaMatta entender o futebol como “drama da vida social”, via de melhor interpretação da sociedade brasileira e, a vista disso, ressaltar a importância da criação de uma “sociologia do esporte” no Brasil.

Desde *O Universo do Futebol*, os “estudos sociais do esporte” vêm se disseminando entre pesquisadores e grupos de pesquisa. Já no início desta década, Helal (2011, p. 18) se mostrava otimista quanto à evolução do referido campo: “Passadas quase três décadas desde a publicação da obra supracitada, o descaso inexistente, e hoje

⁴ Ver Helal (op.cit).

⁵ Classificação utilizada por Gastaldo (2010).

proliferam estudos e grupos de trabalhos em congressos científicos que tratam do tema". Por sua vez, Gastaldo (2011) adota postura mais cética. Embora reconheça os avanços logrados, sustenta que os “estudos sociais do esporte” necessitam de “maior afirmação institucional, à altura da relevância do fenômeno” (2011, pp. 44-45); o que pode caracterizar o campo como “em formação” (GASTALDO, 2010).

Marques (ibidem) também avalia o panorama da pesquisa em Comunicação e Esporte com cautela. Para argumentar que ainda há desprestígio tanto no meio acadêmico quanto no mercado profissional, utiliza como exemplo os congressos (regionais e nacional) da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) de 2012. Um ano antes, após definição de “Esporte na Idade Mídia” como tema principal⁶ dos congressos que estariam por vir, a Intercom disponibilizou uma enquete em seu sítio oficial e 40% dos respondentes desaprovaram a escolha, o que pode ser explicado, supõe o autor, justamente pela influência marxista nas primeiras pesquisas sobre o esporte (MARQUES, 2013, p.170).

Já Rafael Fortes se aprofunda ainda mais nas questões comunicacionais do esporte e traz contribuições importantes sobre a análise do jornalismo esportivo pela academia. Fortes (2011) identifica o referido campo como uma “subárea” que ainda é incipiente. Critica aqueles estudos que buscam encontrar respostas em meios de comunicação, mas desprezam as suas especificidades e a mediação das modalidades esportivas. Aponta algumas preferências nas pesquisas desenvolvidas, tais como a opção excessiva por veículos impressos como corpus, a predileção por metodologias qualitativas e por análises de produtos jornalísticos, relegando aspectos tão importantes quanto, como as condições de trabalho do jornalista e estudos de recepção. E, por fim, elenca alguns caminhos a serem percorridos para que se superem determinados vícios, como ufanismo e atenção demasiada às grandes empresas jornalísticas.

As contribuições explicitadas até aqui, sobretudo as de Fortes, indica-nos uma discrepância na bibliografia tocante ao jornalismo esportivo. Os aspectos elencados no parágrafo anterior mostram que, além de incipientes e escassas, as reflexões teóricas dessa área contribuem muito menos para formação dos acadêmicos em Jornalismo do que deveriam. A dicotomia ‘teoria x prática’ – que não é exclusividade da editoria de

⁶ Ver Marques (2003).

esportes –, o desprestígio e a visão estigmatizada em ambas as estâncias e, conseqüentemente, a falta de uma abordagem mais consolidada das especificidades jornalísticas esportivas por pesquisadores e docentes transforma o estabelecimento de alternativas para a consolidação do ensino do jornalismo esportivo em tarefa árdua. Assim, o que buscamos a seguir é indicar alguns caminhos que possam amenizar tais lacunas, na estruturação de disciplinas, projetos de extensão ou produção laboratorial.

Baseado em sua experiência docente, Marques (ibidem) demonstra preocupação ao constatar a falta de compreensão dos discentes quanto aos elos entre sociedade e esporte:

Estabelece-se assim uma abstração do fenômeno esportivo, especialmente do futebol, como se estivéssemos diante de um fenômeno isolado da vida. Esses jovens que irão trabalhar com o esporte terão dificuldades para compreender o fenômeno a partir de um viés social, econômico, político etc. Na maior parte das vezes, repetirão práticas já cristalizadas no meio profissional, reproduzindo modelos já desgastados e pouco reflexivos (MARQUES, 2013, p. 175).

Para que se mude tal panorama, Marques defende o contato dos graduandos em Jornalismo com pensadores que tenham o intuito de melhor interpretar “o que é o esporte” (p. 178). Conforme o autor, a aproximação dos discentes com reflexões de cunho sociológico, antropológico e histórico irá fazê-los compreender os primórdios esportivos em nossa sociedade e evitar equívocos recorrentes na cobertura jornalística. A interação entre alunos e teóricos do esporte, de acordo com Marques, pode ser uma alternativa para diminuir a distância entre teoria e prática.

Apesar de concordarmos com o explicitado acima e demonstrarmos perplexidade ao nos depararmos com a pouca variedade de obras que são utilizadas na elaboração das bibliografias básicas e complementares dos planos de ensino que analisamos nesta pesquisa (como será visto mais adiante), entendemos como necessário, também, debruçar-se sobre as questões práticas e técnicas da cobertura esportiva. Um enfoque demasiado nas questões teóricas não pode resultar num esquecimento das especificidades profissionais e suas implicações. Tampouco agrupá-las nas ementas das disciplinas que abordem conteúdos sob um olhar mais amplo do Jornalismo, o que pode manter ou até agravar a dicotomia supracitada.

Ao discutir a abordagem do jornalismo esportivo nos cursos de Jornalismo, Lovisololo e Mourim (2004) identificam uma dicotomia muito mais preocupante do que “teoria x prática”: “diploma x talento”. Em outras palavras, os autores discutem a real importância da formação em Jornalismo para aqueles que almejam atuar como jornalistas esportivos. Sob a ótica do “talento”, bons repórteres, narradores e comentaristas seriam resultado de uma habilidade inata ao sujeito, que a aperfeiçoaria de acordo com a experiência profissional⁷.

Em outro artigo, Lovisololo (2011) atribui as falhas na formação jornalística esportiva ao caráter generalista dos cursos de Comunicação:

De fato, na inserção ocupacional o formado deve optar por alguma área de desempenho, sendo notório o papel relevante que lhe cabe ao “ocupar-se dos esportes”, embora não exista formação específica para esse papel. Fazendo uma analogia, diria que nossa formação em medicina não opera apenas formando o médico clínico generalista, necessário, porém não suficiente, indo na direção da formação do especialista (LOVISOLO, 2011, p. 97)

Para que se superem tais carências, Lovisololo sugere dois caminhos principais: a capacitação em Jornalismo para graduados em outras áreas de conhecimento e a especialização dos jornalistas no decorrer da graduação, via disciplinas eletivas (p. 98).

Além da dedicação às particularidades da cobertura esportiva nas disciplinas de jornalismo esportivo, projetos de extensão e/ou núcleos de produção laboratorial podem fornecer ao discente um espaço bastante proveitoso para que se vivencie uma simulação verossímil do mercado profissional. Em um artigo apresentado no congresso nacional da Intercom, o professor Ricardo Pavan (2015) detalha experiências e desafios do projeto que coordena, intitulado Doutores da Bola. Iniciado oficialmente em 2000 e vinculado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Goiás, possui uma parceria com a Rádio Universitária 870AM, tornando possível, assim, a realização de mais de 900 transmissões in loco, diretamente do maior palco esportivo goiano: o estádio Serra Dourada, onde há uma cabine destinada exclusivamente aos participantes. Além disso, o Doutores da Bola veicula um programa diário de trinta minutos. Com base em sua experiência à frente do projeto e de entrevistas com ex-participantes, Pavan salienta a importância do Doutores da Bola para a formação de jornalistas esportivos, os quais

⁷ Para melhor compreensão do argumento de que a experiência profissional é um dos poucos meios de especialização na cobertura esportiva, ver Mello (pp. 156-161).

adquirem desenvoltura para transmissões ao vivo tanto no âmbito esportivo quanto em outras áreas.

Evidentemente, as colaborações explicitadas acima não nos fornecem caminhos definitivos e irrefutáveis, tampouco incapazes de serem mesclados com essas e outras. Justamente pela incipiência, a pesquisa e o ensino do jornalismo esportivo ainda renderão uma série de debates, o que é extremamente salutar.

Jornalismo Esportivo, Ensino e As Novas DCNs

Tomando por base o que foi explicitado e as delineações empíricas e metodológicas elucidadas no início deste texto, optamos, como já foi mencionado, por dar evidência aos principais pontos suscitados no decorrer das análises. Em um primeiro momento, debruçar-nos-emos sobre questões tocantes às novas Diretrizes Curriculares e aos Planos Pedagógicos de Curso, abordando, também, a inserção do conteúdo jornalístico esportivo em disciplinas com viés mais amplo. Posteriormente, dedicar-nos-emos às cadeiras de jornalismo esportivo e aos planos de ensino pertencentes ao corpus desta pesquisa.

Nas novas DCNs, nota-se que a palavra ‘esporte’ aparece em duas oportunidades. Em uma delas, esta é inserida na descrição de um dos seis eixos, o de fundamentação humanística (BRASIL, *op.cit.*, p. 5). Evidentemente, sabe-se que as Diretrizes são condizentes ao Jornalismo, que tem o intuito de tornar um graduado “apto para o desempenho profissional de jornalista com formação acadêmica generalista [...]” (*ibidem*, p. 2) e que, portanto, nenhuma menção explicitamente específica será feita para um ou outro segmento jornalístico. Contudo, ponderamos que o referido eixo, ao modo como está disposto, restringe as relações entre Estado, Democracia e Desporto aos planos lúdico e fisiológico, ignorando, com isso, a relevância do esporte nas esferas social e cultural da realidade brasileira. Reconhecer o papel político, social e comunicacional do esporte no eixo de fundamentação humanística poderia resultar na inclusão de tal tema na ementa de disciplinas que visem abordar aspectos sociológicos, antropológicos, geopolíticos, econômicos, dentre tantos outros, o que também contribuiria para a diminuição da resistência acadêmica já abordada.

Na outra referência (ibidem, p. 7), o esporte é apontado como possibilidade de validação de horas complementares. Aqui, portanto, permite-se que o graduando interessado na cobertura esportiva transite em áreas do conhecimento que lhe podem ser úteis, tais como Sociologia, Antropologia, Publicidade e Propaganda, Administração, Geopolítica e Educação Física. Isso possibilitará o contato – ou o aprofundamento, dependendo da existência de uma cadeira específica para o jornalismo esportivo, sua oferta e ementa – com conteúdos que irão ampliar o espectro visual ao cobrir os fenômenos do esporte. Há, também, a possibilidade de se envolver com outras atividades passíveis de validação que tangem o esporte, seja em pesquisas de iniciação científica, participação em congressos ou projetos de extensão comunitária.

Antes de nos voltarmos às cadeiras exclusivamente destinadas ao jornalismo esportivo, faz-se necessário observar a inclusão de aspectos da cobertura de esportes nas ementas de outras disciplinas. Das dez universidades aqui analisadas, quatro inserem tal tema em cadeiras de âmbito geral: a) na Universidade Federal do Tocantins, “Jornalismo Especializado II” engloba alguns segmentos, entre eles os esportes; b) na Universidade Federal do Amapá, acresce-se um livro acerca da cobertura esportiva na bibliografia de “Laboratório de TV”; c) na Universidade Estadual da Paraíba, o fotojornalismo e o radiojornalismo esportivos aparecem nas disciplinas “Laboratório de Introdução ao Jornalismo” e “Laboratório de Mídia Sonora”, respectivamente; d) no Instituto Superior e Centro Educacional Luterano Bom Jesus/Ielusc, na ementa de “Jornalismo Impresso II”.

Quanto ao último parágrafo, dois aspectos importantes. Primeiro, obviamente, averiguar as ementas não nos fornece nenhum resultado incontestável sobre a abordagem do conteúdo jornalístico esportivo em outras cadeiras. Sabe-se que as afinidades práticas e teóricas do docente influenciam em exemplos, exercícios avaliativos ou tópicos acrescentados ao plano de ensino. Contraditoriamente, em segundo lugar, tais afinidades podem fazer justamente o inverso: suprir determinados assuntos. Algo extremamente possível se rememorarmos a resistência acadêmica aqui mencionada.

No que tange as disciplinas exclusivamente dedicadas ao jornalismo esportivo, verificamos que todos os dez cursos aqui analisados preveem tal cadeira nas respectivas

grades curriculares. Nesse contexto, oito a classificam como optativas/eletivas, com uma carga horária mínima de trinta e máxima de oitenta horas. Tal panorama, entretanto, não pode ser compreendido como garantia de avanços, visto que não se sabe com que frequência – ou se realmente – tais disciplinas são ofertadas. As áreas de interesse dos docentes do quadro, o número de ofertas de optativas por semestre e tantos outros fatores que influem nos critérios de eleição das cadeiras a serem oferecidas não garantem constância no contato entre discentes e jornalismo esportivo.

Ainda sobre o panorama realçado no parágrafo anterior, deve-se ressaltar que o jornalismo esportivo é disciplina obrigatória em dois bacharelados: Mackenzie e UFSJ. No caso da primeira, a cadeira está prevista para o quarto período e tem carga horária de 34 horas. Quanto à universidade mineira, utiliza-se método distinto. O esporte e outros segmentos jornalísticos estão alocados em “tópicos variáveis”. A editoria esportiva está fixada em “Tópico Variável em Jornalismo III”, junto com jornalismo científico. A turma, assim, é dividida em duas metades e os discentes com melhor rendimento acadêmico, caso mais de 50% tenha o desejo de se matricular em uma ou outra editoria, tem preferência de escolha.

Centremo-nos agora nas bibliografias e conteúdos previstos nas dez ementas e nos quatro planos de ensino aos quais tivemos acesso. Logo nas primeiras leituras dos materiais inerentes ao corpus, identificamos o alto grau de repetição de obras na montagem das bibliografias básica e complementar. Das 79 menções bibliográficas, 29 (36,7%) pertencem a um grupo de cinco livros⁸. Tomando por base cada bibliografia sugerida, tais obras compuseram no mínimo 18,2% (UFSJ) e no máximo 83,4% (Unifap) da carga bibliográfica – com exceção da UFCA, caso que será esmiuçado a seguir. Obviamente, não temos a pretensão de desqualificar qualquer contribuição para o ainda incipiente acervo bibliográfico do jornalismo esportivo. Pelo contrário, ‘o grupo dos cinco’ mencionado acima pontua aspectos instigantes e a experiência profissional dos autores nos fornece pontos de vista bastante relevantes. Atentamos, em contrapartida, para a incongruência entre conteúdo proposto na ementa, objetivos, carga teórica destinada à disciplina e bibliografia apresentada. Em outras palavras, não se

⁸ *Manual do Jornalismo Esportivo*, de Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel (São Paulo: Contexto, 2006); *Jornalismo Esportivo*, de Paulo Vinícius Coelho (São Paulo: Contexto, 2003); *Nos bastidores do Jornalismo Esportivo*, de Marcos Linhares (São Paulo: Celebris, 2006); *Formação e informação esportiva*, de Sérgio Vilas Boas (São Paulo: Summus, 2006) e; *Jornalismo esportivo – relatos de uma paixão*, de Celso Unzelte (São Paulo: Saraiva, 2009).

pode pretender que o discente tome conhecimento das relações entre esporte, sociedade e cultura através de referenciais que não transitem por essas áreas. Observamos, então, a falta de pesquisas de fôlego que complementem as visões profissionais e, simultaneamente, sejam complementadas por elas.

Outro tipo de distonia entre bibliografia e conteúdo foi constatado na ementa presente no Plano Pedagógico de Curso da Universidade Federal do Cariri. Lá, destina-se 100% da carga horária de 64 horas para questões teóricas. Curioso, no entanto, que apenas um dos seis livros indicados na bibliografia tange a cobertura esportiva, enquanto os demais exploram aspectos jornalísticos mais amplos. Mesmo que, reforçamos, não tenhamos a intenção de desprestigiar qualquer produção intelectual, sabemos que existem outras contribuições acadêmicas de fôlego que se dedicam às interações entre “mídia, esportes e cultura brasileira”, único tópico previsto na ementa da disciplina (UFCA, 2015, p.139).

A respeito dos métodos de avaliação – e a partir daqui tomando por base somente os planos de ensino coletados –, percebemos certa preferência pela elaboração de produtos jornalísticos por parte dos discentes, seja no decorrer de todo o período letivo ou em um número específico de aulas no final do semestre. Redação de texto jornalístico para internet, cobertura de entrevistas coletivas simuladas e provas teóricas também são utilizados. Fazemos especial referência às simulações de transmissão radiofônica por meio de transmissão via tubo, exercício realizado no Ielusc e na UFSJ, aproximando-se do que é desenvolvido pelo projeto Doutores da Bola.

Com o posicionamento das atividades práticas (ou da conclusão e apresentação delas) nos últimos encontros programados, destinam-se as aulas iniciais às questões teóricas e técnicas. De modo geral, os quatro planos de ensino abordam o desporto sob as perspectivas das Ciências Sociais e de outras áreas afins. No caso da Mackenzie, por exemplo, reserva-se uma aula para refletir acerca do que é o esporte, proposição defendida por Marques. Constatamos, também, que os professores responsáveis se aproximam de seus objetos de pesquisa na estruturação do conteúdo teórico, como a

cobertura de megaeventos esportivos⁹, as relações entre mídia e identidade nacional¹⁰ e o radiojornalismo esportivo¹¹.

Considerações Finais

Ao longo deste artigo, buscamos analisar o ensino do jornalismo esportivo em universidades brasileiras, atentando para as já instauradas e possíveis interações com as novas DCNs. Como foi visto, a presente pesquisa nos indica alguns apontamentos, como a preocupação das dez instituições aqui analisadas em disponibilizar uma cadeira exclusiva para que o discente aperfeiçoe os conhecimentos acerca do segmento esportivo, ou a relativa semelhança na disposição dos conteúdos e nos métodos de avaliação presentes nos planos de ensino. Salientamos, contudo, que este estudo abre uma série de lacunas que o ainda incipiente campo acadêmico do jornalismo esportivo pode preencher: a observação participante das disciplinas, entrevistas em profundidade com docentes e alunos, a averiguação do atual estágio da visão estigmatizada do jornalista esportivo ou uma análise quantitativa da frequência de oferta do jornalismo esportivo como optativa/eletiva. Contributos que, indubitavelmente, seriam de grande auxílio.

Como expressado no último item, somente dois dos dez cursos de Jornalismo condizentes ao corpus classificam o segmento esportivo como disciplina obrigatória. No caso da UFSJ, que atualizou seu PPC pela última vez em 2015, situa-se a referida cadeira no eixo de fundamentação profissional. Fixar raízes em um único eixo não pode resultar, no caso do jornalismo esportivo, numa restrição de trânsito entre os outros. É preciso compreender o papel do esporte na realidade brasileira e sua formação histórica, propiciar o contato e o debate sobre questões éticas e deontológicas específicas da imprensa esportiva e aplicar os conhecimentos obtidos em produções jornalísticas. Outra via possível é se dedicar a uma perspectiva direcionada no decorrer da disciplina e possibilitar ao discente alternativas mais concretas de formação

⁹ Anderson Gurgel Campos, docente da Mackenzie, autor da tese doutoral “A Economia das Imagens do Esporte: Produção, Reprodução, Valoração de Bens Imagéticos nos Ambientes Midiáticos dos Megaeventos Esportivos” (CAMPOS, 2014).

¹⁰ Francisco Ângelo Brinati, docente da UFSJ, é autor da tese doutoral “Maracanazo e Mineiratzen: imprensa e representação da seleção brasileira nas Copas do Mundo de 1950 e 2014” (BRINATI, 2015).

¹¹ Ciro Augusto Francisconi Götz, então docente do Ielusc, autor da dissertação de Mestrado “Narradores de futebol: estilos e técnicas de narração no rádio porto-alegrense (de 1931 a 2015)” (GÖTZ, 2015).

complementar, como a participação em projetos de extensão que privilegiam a produção laboratorial (como o Doutores da Bola) ou o estabelecimento de cadeiras de outros cursos que ampliem sua formação.

Independentemente das opções que se adotem, entendemos ser fundamental que se fomente a produção de conhecimento do jornalismo esportivo, uma área academicamente incipiente e ainda estigmatizada.

REFERÊNCIAS

BRASIL. 2013. Ministério da Educação. Conselho Nacional da Educação. Câmara de Educação Superior: Resolução CSE/CES No. 1 de 27 de setembro de 2013. Resolução No. 2 de 27 de dezembro de 2013. Disponíveis em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14242-rces001-13&category_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192 Acessado em 20 jan 2017.

BRINATI, F. Â.. **Maracanazo e Mineiraten**: imprensa e representação da seleção brasileira nas Copas do Mundo de 1950 e 2014. Tese (Doutorado). 260f. Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Rio de Janeiro, RJ, 2015.

CAMPOS, A. G.. **A economia das imagens do esporte**: produção, reprodução, valoração de bens imagéticos nos ambientes midiáticos dos megaeventos esportivos. Tese (Doutorado). 243f. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, São Paulo, SP, 2014.

FORTES, R.. Estudos de esporte na área de comunicação: um panorama e algumas propostas. **Rev. Famecos**, Porto Alegre, v.18, 2011.

GASTALDO, É. L.. Comunicação e Esporte: explorando encruzilhadas, saltando cercas. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v.8, 2011.

_____. Estudos Sociais do esporte: vicissitudes e possibilidades de um campo em formação. **Logos**, Rio de Janeiro, v.17, n.2, 2010.

GÖTZ, C. A. F.. **Narradores de futebol**: estilos e técnicas de narração no rádio porto-alegrense (de 1931 a 2015). Dissertação (Mestrado). 284f. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Porto Alegre, RS, 2015.

HELAL, R. G.. Futebol e Comunicação: a consolidação do campo acadêmico no Brasil. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v.8, n.21, 2011

INSTITUTO SUPERIOR E CENTRO EDUCACIONAL LUTERANO BOM JESUS/IELUSC.
Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Jornalismo. Joinville, SC, 133f, 2015.

_____. **Plano de ensino de Radiojornalismo Esportivo.** Joinville, SC, 4f, 2016.

LOVISOLO, H. R.. Jornalismo e esporte: linguagem e emoções. **Corpus et Scientia**, Rio de Janeiro, v.7, n.6, 2011.

MARQUES, J. C.. **O estigma de ser jornalista esportivo:** a discriminação do profissional de esporte na imprensa brasileira. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26., Belo Horizonte, MG, 2003.

_____. Teoria ou prática? O movimento pendular dos cursos de comunicação no Brasil e a abordagem do esporte. **Atos de Pesquisa em Educação**, Blumenau, v.8, n.1, pp.165-181, 2013.

MELLO, M. S.. **Hermanos y cercanos, pero no mucho:** estudo comparativo entre os jornais Lance! e Olé durante a cobertura da Copa do Mundo de 2014. Dissertação (Mestrado). 219f. Universidade Federal de Santa Catarina – Programa de Pós- graduação em Jornalismo, Florianópolis, SC, 2015.

MOURIM, R.; LOVISOLO, H. R.. A formação do jornalista esportivo: diploma ou talento. **Contemporânea**, Rio de Janeiro, v.2, n.3, 2004.

PAVAN, R.. **Desafios para o ensino laboratorial do jornalismo esportivo:** Doutores da Bola e a rotina produtiva nas coberturas ao vivo. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38., Rio de Janeiro, RJ, 2015

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA. **Projeto Pedagógico de Curso PPC:** Jornalismo. Campina Grande, PB, 164f, 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ. **Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Jornalismo.** Macapá, AP, 47f, 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI. **Projeto Pedagógico do Curso:** Jornalismo. Juazeiro do Norte, CE, 170f, 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. **Jornalismo:** informativo curricular pedagógico. Goiânia, GO, 4f, 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. **Resolução N° 482.** Campo Grande, MS, 45f, 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Projeto Pedagógico**. Florianópolis, SC, 80f, 2015.

_____. **Plano de ensino de Tópicos Especiais em Jornalismo XIII (Jornalismo Esportivo)**. Florianópolis, SC, 4f, 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI. **Projeto Pedagógico do Curso de Comunicação Social – Jornalismo**. São João Del-Rei, MG, 179f, 2015.

_____. **Plano de ensino de Tópico Variável em Jornalismo III (Jornalismo Esportivo)**. São João Del-Rei, MG, 2f, 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS. **Projeto Pedagógico do Curso de Jornalismo**. Palmas, TO, 70f, 2014.

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE. **Projeto Pedagógico do Curso de Jornalismo**. São Paulo, SP, 61f, 2010.

_____. **Projeto pedagógico de Jornalismo Esportivo**. São Paulo, SP, 6f, 2016. Disponível em: http://up.mackenzie.br/fileadmin/ARQUIVOS/PUBLIC/SITES/UP_MACKENZIE/servicos_educacionais/graduacao/Jornalismo_SP/2015/matriz/4o_semestre_Plano_de_ensino_Jornalismo_Esportivo_-_12015.pdf